

INFÂNCIA E CONSUMO: UMA ANÁLISE DOS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO INFANTIS NA SOCIEDADE CAPITALISTA

Alane Delmondes Nóbrega ¹
Atiane Leles Magalhães ²
Fernanda Letícia Sousa Lima ³
Mariane Barbosa Matos ⁴

INTRODUÇÃO

Esta produção teve como ponto de partida uma análise literária do documentário “A Invenção da Infância”, escrito e dirigido por Liliana Sulzbach, relacionando com os conceitos desenvolvidos por Philippe Ariès em sua obra “História Social da Infância e da Família”. Para esse teórico, o conceito de infância, socialmente construído, passou a existir a partir da modernidade, entre os séculos XV e XVII. A escolha desta temática deu-se preliminarmente a partir da nossa exposição ao referido curta-metragem, ao longo da disciplina Psicologia da Aprendizagem, ministrada pelo Professor Mestre Paulo Henrique Albuquerque no curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - UECE. Posteriormente, nossas vivências durante a inserção em escolas públicas da periferia de Fortaleza, proporcionadas pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID nos respaldou para as reflexões realizadas neste trabalho.

Ao analisarmos contextos sociais dicotômicos entre campo e cidade, crianças do sertão nordestino e de uma megalópole (São Paulo) no documentário e compararmos, também, com a realidade socioeconômico dos(as) meninos(as) das escolas onde somos bolsistas, percebemos que apesar de existir certa distinção entre o ser infantil e o ser adulto, com os padrões de consumo da atual sociedade capitalista os traços que delimitam uma fase da outra (fase adulta e fase da infância) estão cada vez mais estreitos. As crianças passam por um forte processo de “adultização”, seja através da exposição às tarefas que não deveriam ser desempenhadas por elas ou pela desenfreada exibição de informações produzidas por intermédio das grandes mídias e instituições voltadas para o público infantil na sociedade capitalista.

Desta forma, se faz necessário um estudo integral acerca dos processos que perpassam o desenvolvimento das crianças em diferentes contextos socioeconômicos, buscando analisar e compreender as especificidades presentes em cada realidade, uma vez que isso terá implicações diretas nos modos como o sujeito se constrói e elabora seu próprio processo de ensino-aprendizagem.

Na obra “História Social da Infância e da Família”, Philippe Ariès constata que no período medieval não havia um sentimento de infância, pelo menos, não como é estabelecido atualmente pela sociedade. Ele analisa ainda, de que forma este sentimento foi sendo construído, destacando que, à medida que, os modelos sociais iam sendo convencionados foi surgindo também uma necessidade de proteção às crianças.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, alane.del15@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, magal.leles@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, fernandaleticialima@gmail.com;

⁴ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, marianebm24@gmail.com.

O autor revela que no período da Modernidade surgiram dois sentimentos, sendo eles: a paparicação e o apego. Antes, as crianças eram consideradas pequenos adultos, mas com o aparecimento do sentimento de paparicação, que se trata de uma atenção dentro da família voltada para as crianças, começa a surgir a afetividade e o cuidado e estas passam a serem tratadas verdadeiramente como seres infantis. O segundo sentimento, o apego, é algo extrínseco, como afirmado pelo estudioso: “O apego à infância e à sua particularidade não se exprimia mais através da distração e da brincadeira, mas através do interesse psicológico e da preocupação moral. A criança não era nem divertida nem agradável [...]” (ARIÈS, p.104, 1981). É então nesse momento que há a separação das crianças e dos adultos, cada um disposto em sua respectiva posição social e com sua devida importância para a sociedade.

A partir dessa preocupação a educação formal passa a exercer uma função primordial no processo de formação moral e civil e na separação entre crianças e adultos, como destaca Laffite no prefácio da obra “História Social da Criança e da Família”:

A escola substituiu a aprendizagem como meio de educação. Isso quer dizer que a criança deixou de ser misturada com os adultos e de aprender a vida diretamente, através do contato com eles. [...] a criança foi separada dos adultos e mantida a distância, numa espécie de quarentena, antes de ser solta no mundo. Essa quarentena foi a escola, o colégio. (LAFFITE, 1973, p. 10).

A este fenômeno de organização da sociedade através da educação, que se estende até a atualidade, dá-se o nome de escolarização. Tal processo é fortemente marcado por paradigmas, pois apesar da responsabilidade de proteção à criança incumbida ao Estado, à Família, à Escola e à Sociedade, esta não está isenta da repercussão dos atuais padrões de comportamento da sociedade de consumo, que implicam no processo de perda da infantilidade. A fala abaixo utilizada no documentário “A invenção da criança” elucida esta ideia,

“Uma época na qual crianças podem trabalhar como adultos, consumir como adultos, partilhar das informações como adultos, não reconhece o mundo infantil como diferente ou especial. Um mundo onde adultos e crianças compartilham da mesma realidade física e virtual, é um mundo de iguais (informação verbal).”⁵

METODOLOGIA

Tratou-se de uma pesquisa documental e também de campo, tendo em vista que tomamos como referência o curta-metragem “A Invenção da Infância”, escrito e dirigido por Liliana Sulzbach e nossas experiências como bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID em escolas periféricas da rede municipal de ensino do município de Fortaleza, no Ceará. Foram utilizados como direcionadores os conceitos discutidos na obra “História Social da Infância e da Família”, de Philippe Ariès. Partimos de uma análise entre as diferentes concepções do “período infância”, construídas a partir das possibilidades sociais, econômicas e culturais na Modernidade e na atual sociedade capitalista.

DESENVOLVIMENTO

⁵ Fala do narrador Kiko Ferraz no documentário “A invenção da infância”, escrito e dirigido por Liliana Sulzbach, em 2000.

O texto de Ariès “História Social da Infância e da Família” é um dos precursores a tratar da história da infância de uma forma mais integral, por isso, é considerada um referencial neste campo. Na velha sociedade medieval, como retrata o referido autor, não havia uma diferenciação entre a execução dos papéis sociais da criança e do adulto. O que existia era uma distinção bem rústica dessas fases. A infância era compreendida pelo período em que o indivíduo era frágil e dependente. Logo que o sujeito adquiria alguma autonomia, era imerso na sociedade, sem restrição alguma, tornando-se um “mini adulto”. Vale lembrar, que não havia uma figura específica para mediar a educação infantil. A troca de informações ocorria de forma difusa e, a sociedade como um todo, era a responsável por este processo, sendo assim, não havia escolarização.

Como a taxa de mortalidade era alta, as crianças poderiam morrer prematuramente, e por isso, não havia uma preocupação para uma construção de afetividade, visto que, logo viria uma outra para substituí-la, caso esta viesse a falecer. Porém, enquanto bebês, eram paparicados por serem “engraçadinhos” e divertirem as pessoas, sendo vistos como uma espécie de entretenimento. A este sentimento, ainda superficial pelas crianças, Ariès nomeou “paparicação”, o primeiro sentimento da infância. Esta atenção excessiva dada às crianças, naturalmente pelas mães e pelas cuidadoras, logo causou um sentimento novo, o de “exasperação” ou “apego”.

A família começou então a se organizar em torno da criança e a lhe dar grande importância, pois a via agora como a responsável pela continuidade da tradição familiar, passando assim a planejar todo o seu futuro. Portanto, a afeição pela criança, caracterizada pelo reconhecimento da mesma, impulsionou um interesse maior em compreendê-la e ampará-la. Se fazia necessário também, educá-la rigidamente para que esta pudesse tornar-se um sujeito socialmente aceito. Desta forma, surge então a necessidade de “moralização” do ser infantil e a instituição Escola surge com o papel de proteção e construção da moral, através da educação.

Compreendemos então, o sentimento de infância como uma convenção social. No contemporâneo, a construção dessa concepção perpassa por aspectos sociais e econômicos, como classe, raça e gênero, tratando-se assim de um conceito plural e heterogêneo.

Com esta contextualização, fundamentada na contribuição teórica construída por Philippe Ariès, podemos adentrar para a discussão do documentário “A invenção da infância”, que dialoga diretamente com a concepção de infância construída na Modernidade, relacionando este conceito com duas realidades sociais brasileiras distintas. O curta contempla a situação de dois grupos de crianças da mesma faixa etária, de uma mesma época, porém estão localizados em diferentes regiões do país, experienciando contextos socioeconômicos diversificados. O primeiro grupo é de crianças que vivem em precariedade, onde a taxa de mortalidade é elevada, os que “escapam” precisam trabalhar para conseguirem sobreviver. Nesse contexto, não há uma diferenciação entre as fases, uma vez que, tais crianças são confundidas com adultos, pois desempenham os mesmos trabalhos. Mesmo sobrecarregadas com suas tarefas, ainda assim vão à escola na esperança de superarem tal situação.

O segundo grupo apresentado é composto por crianças mais abastadas economicamente, da grande São Paulo, que da mesma forma que os(as) garotos(as) da pedreira, também não vivem sua meninice de forma plena, devido ao excesso de atividades e a mecanização que esses afazeres acarretam. Essa dicotomia que o documentário carrega é extremamente problemática, mostra crianças em um mesmo período histórico, que possuem diferenças sociais gigantescas, mas vivem realidades próximas quando se trata da questão de gozar verdadeiramente a infância, nas duas situações se sentem cansadas e sem tempo para lazer. Esta realidade é ilustrada na seguinte fala de Geomar, um garoto de 11 anos do

município de Retirolândia - BA: “Eu acho que num cheguei ainda na idade de ser adulto. E eu num acho que eu sou criança (informação verbal).”⁶

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conhecer e analisar todos esses processos históricos juntamente com a realidade particular de cada criança e o contexto histórico-social que a mesma está inserida é indispensável para os estudos do campo da aprendizagem. Partindo dessa afirmativa, utilizamos como campo de pesquisa nossas experiências como bolsistas do PIBID em duas escolas periféricas, uma localizada no bairro Itaperi e outra no Jangurussu, ambas na cidade de Fortaleza. Nas vivências na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I, especificamente no Infantil V e no 1º ano, observamos certas atitudes que remetem à uma adultização das crianças, como na maneira de se vestir e de se portar, no vocabulário e nas músicas que gostam de cantar e dançar e nas atividades domésticas que lhes são incumbidas por seus responsáveis.

Especialmente no caso das meninas, a maneira de aprontar-se não se distingue da forma como os adultos se vestem, percebemos garotas com os mesmos adereços que a figura feminina responsável utiliza, muitas delas vão para a escola maquiadas, com roupas curtas e bijuterias chamativas. Desde o século XVIII, quando pela primeira vez a criança foi tida como ser sensível, uma pessoa de fato e não apenas objeto de entretenimento para os adultos, observamos na maioria das vezes apenas os desejos do mundo adulto sobre o que deve ser ou não a infância. Notamos no documentário e nas escolas como os pais continuam despejando suas expectativas sobre seus filhos e buscam sua realização individual através dos investimentos feitos nos mesmos. Tudo isso reflete na criança, que parece continuar a ser tida, de certa forma, como objeto de aplicação dos pais ou adultos responsáveis.

Outro aspecto que nos chamou atenção foi o consumismo já presente nesta faixa etária. Apesar de serem crianças em situação de pobreza e da pouca idade, já estão se tornando potenciais consumidores, desejando comprar aparelhos eletrônicos, roupas de marca, maquiagem, brinquedos, entre outros. Esse anseio pelo consumo tem relação estreita com a influência midiática a que estão expostos e, também, ao sentimento de competição impulsionado pelo modelo de sociedade capitalista. Percebemos isso no cotidiano escolar, em momentos de interação, pois mesmo durante atividades comuns é notório a necessidade em se destacar e os educandos fazem isso, principalmente, ao compararem brinquedos e materiais escolares, discutindo quem possui o objeto de melhor qualidade.

Acerca dessas observações percebemos a imposição do mundo adulto sobre o ser infantil. As crianças possuem uma rotina fixa e cansativa na escola e em casa que, muitas vezes, lhes tiram o prazer de viver de fato o que consideramos como sendo o período mais sensível da vida, a infância. Com relação à esses aspectos, Neil Postman (1999, p.18) ressalta que “para toda parte que se olhe, se pode ver que o comportamento, a linguagem, as atitudes e os desejos - até mesmo a aparência física - dos adultos e das crianças estão se tornando cada vez mais indistinguíveis”. Segundo Laffite “Seria então interessante comparar a criança ao anão, que ocupa um lugar importante na tipologia medieval. A criança é um anão, mas um anão seguro de que não permanecerá anão [...]. O anão não seria em compensação uma criança condenada a não crescer, e mesmo a se tornar imediatamente um velho encarquilhado?” (LAFFITE, 1973, p.13). Vinculado ao contexto socioeconômico, o conceito

⁶ Fala de Geomar Rodrigues Araújo no documentário “A invenção da infância”, em 2000.

de infância ainda está relacionado à ideia de capital humano, pois o modelo de produção capitalista está atrelado ao processo de mecanização do sujeito para atender as demandas necessárias com o objetivo de sustentar este sistema. Enquanto os filhos da burguesia são preparados para o trabalho intelectual, os filhos dos trabalhadores são treinados para o trabalho braçal, servindo de mão de obra barata para o mercado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos anos foram formuladas diversas concepções sobre a infância, mas pode-se notar que estes debates assumiram uma forma cíclica e continuam a se repetir até os dias atuais. Foi um árduo processo até a infância ser reconhecida e valorizada dentro da estruturação social moderna. Por isso, há uma urgência para a percepção e o cuidado para com as crianças na atualidade, visto que estas continuam sendo, de certa forma, negligenciadas.

De acordo com o período e o contexto que se vive pode-se notar de forma precisa uma “adultização” da criança. Não é possível ter uma infância de fato, se o meio social onde se encontra impede que o ser infantil desfrute do seu tempo sendo criança e não apenas um adulto em miniatura. Conhecer e analisar todos esses processos históricos juntamente com a realidade particular de cada criança e o contexto socioeconômico que a mesma está inserida é indispensável para os estudos do campo da aprendizagem.

Para a superação dessa mecanização da criança, devemos romper com a lógica do modelo econômico vigente, uma vez que este potencializa a dicotomia presente na concepção do que é a infância e como a mesma deve ser experienciada. A educação assume então uma função importante neste fenômeno, pois por meio dela compreendemos as dificuldades que ainda estão sendo enfrentadas na luta por uma escola que seja de fato democrática e de acesso a todos, sem nenhuma distinção de classe, raça ou gênero.

Palavras-chave: Invenção da Infância, Sociedade Capitalista, Adultização, Escolarização, Contexto Socioeconômico.

REFERÊNCIAS

ARIÈS. Philippe. Família e Sociabilidade. In: **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC 1981. p.99-105.

A Invenção da Infância. Direção: Liliana Sulzbach. Curta-metragem, 25'05''. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=c0L82N1C7AQ>>. Acesso em: agosto de 2018.

LAFFITTE. Maisons. Prefácio. In: ARIÈS. Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC 1981. p.09-23.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Trad. Suzana Menescalde Alencar Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.